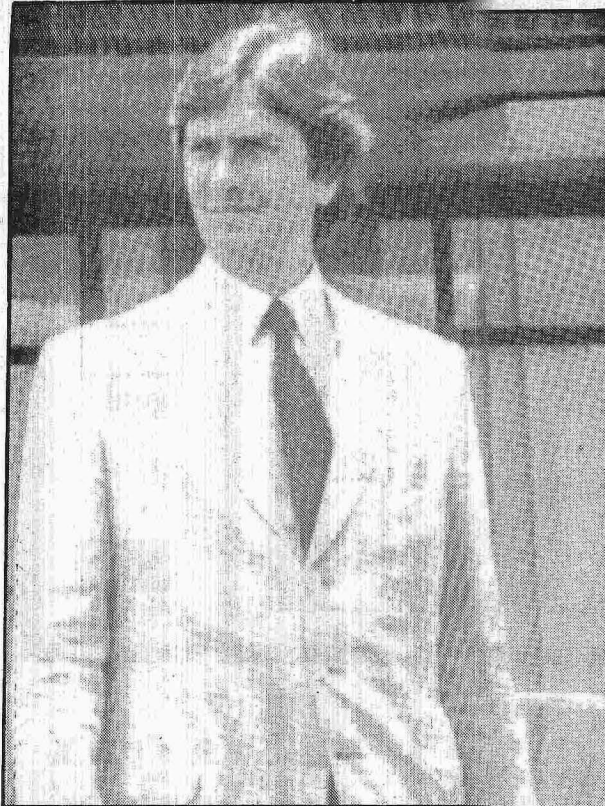




Collor (o da esquerda) tem assegurado o voto do sósia José Alves da Costa Neto, garçom do Libanu's

A semelhança com Collor faz de garçom atração

ALEXANDRE TORRES

A primeira vista dá a impressão de que tudo está voltando ao estágio normal das coisas. A economia do País começa a dar sinais de recuperação e a se libertar das amarras e da ação corrosiva dos corruptos. As pesquisas de opinião pública começaram a cair na real e até o candidato do Partido da Reconstrução Nacional (PRN), Fernando Collor de Mello, desistia de levar adiante essa sua mais nova aventura de chegar à Presidência da República, abandonando, inclusive, a sua fortuna pessoal e ganhando a vida somente com o suor honesto do seu trabalho.

Com o passar das horas, Collor permanecia fiel e atento ao seu tra-

balho, pulando de mesa em mesa, somente para servir bem o seu eleitorado. Um eleitorado cativo, muito diferente daquele do grande jogo de interesses que envolve a política brasileira, e que só pensa numa coisa: se divertir e jogar muito papo fora.

Mas, aos poucos vou me cientificando de que a realidade hoje é outra e que aquele que pensei ser o presidencial Collor de Mello é, na verdade, o José Alves da Costa Neto, um nordestino de fato, nascido em Porta Alegre, no Rio Grande do Norte, pai de três filhos, garçom do bar e restaurante Libanu's, o reduto atual da boêmia jornalística da cidade, cuja semelhança com o presidencial chega a ser motivo de muitos olhares dos curiosos.

Essa semelhança física com Fernando Collor de Mello não chega a tirar o bom humor do José — muito pelo contrário, ele fica até certo ponto orgulhoso pelas pessoas o compararem com uma pessoa "tão importante do cenário político atual" e, diga-se de passagem, seu candidato às próximas eleições.

Mas José Alves gosta de frisar que não é somente por causa disto que vai votar nele, pois se colocarem todos os candidatos num liquidificador, ele e o senador Mário Covas são os menos ruins.

Agora que cheguei de fato ao País real e constatei que aquilo tudo é fruto da vontade e da imaginação, chamo o Collor e peço mas um choppe para matar a ressaca.